

humanitas

Vol. IX-X

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HYMANITAS

VOLS. VI E VII DA NOVA SÉRIE
(VOLS. IX E X DA SÉRIE CONTÍNUA)



COIMBRA
MCMLVII-VIII

chylus, Persae, with introduction and notes, Oxford, Clarendon Press, repr. 1937). Sob o ponto de vista da estrutura, repete-se o que se passara no primeiro estásimo: aos anapestos dos versos 532-547 seguiam-se os versos líricos de 548-597, tal como aqui aos anapestos dos versos 623-632 se sucedem as líricas de 633-680. Mesmo sob o ponto de vista ideológico, os motivos do canto do coro harmonizam-se perfeitamente numa linha contínua que passa da triste consideração do desastre actual (primeiro estásimo) à invocação do fantasma de Dario (ponto central e segundo estásimo) até ao elogio do monarca defunto (terceiro estásimo). Este último acentua, por contraste, a lamentável situação em que se encontra Xerxes vencido, no êxodo, que se lhe segue.

A bibliografia é bastante restrita, num campo de estudos onde têm trabalhado alguns dos mais eminentes helenistas antigos e actuais. No entanto, os dois ensaios ora apresentados a público revelam uma capacidade de análise e um sentido de interpretação de que certamente ainda haverá muito a esperar.

MARIA HELENA ROCHA PEREIRA

GIUSEPPE TOFFANIN, **L'Arcadia**. *Saggio storico*. 3.^a edizione accresciuta da un discorso su Scipione Maffei. Bolonha, Nicola Zanichelli Editore, 1958. 214 pp.

Giuseppe Toffanin, professor de Literatura Italiana na Universidade de Nápoles, é, indiscutivelmente, um dos grandes nomes da historiografia literária do seu país. Investigador arguto do humanismo, pertencem-lhe, entre outros, trabalhos tão importantes como *La fine delUmanesimo, Machiavelli e il tacitismo, Storia delUmanesimo, II Cinquecento*, etc., cujas afirmações originais e, por vezes, arrojadas, abrem fecundas perspectivas novas.

A obra que hoje recenseamos — *VArcadia*, «saggio storico» — é mais um título a acrescentar àqueles que fazem o justo renome do seu Autor. Refundição de *Veredità del Rinascimento in Arcadia*, trabalho publicado em 1923, o presente ensaio (1.^a edição, 1946) beneficiou de todo o enriquecimento intelectual que largos anos de investigação e de novas experiências trazem sempre.

Num estilo cheio de vivacidade, revelador de um espírito irrequieto e luminoso, capaz de intuições fulgurantes, mas por vezes bem difícil de seguir, retrança o Autor o processo intelectual do movimento arcádico, procurando agarrar todas as

«sfynature» de pensamento que permitem compreender intimamente o paradoxal século XVIII, que, tendo começado por reagir, fiel ao ideal clássico, contra a literatura fátua e lasciva de Seiscentos, terminou «moderno» e revolucionário.

O nascimento da Arcádia é, para Toffanin, mais um episódio da famosa «Querrelie des Anciens et des Modernes», suscitado pela questão sobrevida ao aparecimento do tratado cartesiano do Padre Bouhours, *La manière de bien penser dans les ouvrages de l'Esprit*, onde ao neoclassicismo francês à maneira de Boileau, todo feito de razão, de bom senso e de limpidez, se opunha, denegrindo-o, o classicismo italiano de Seiscentos, todo esplendor de imaginação, fatuidade, hipérbole.

Concordando com a censura feita ao «marinismo», procuraram os árcades atingir, mas por caminhos diversos dos propostos pelos retóricos franceses, o que fosse o verdadeiro «classicismo». Na análise perspicaz do paralelo constantemente estabelecido entre os conceitos diversos que esse termo encerra na crítica italiana e na francesa do século XVIII reside um dos aspectos importantes do estudo de Toffanin.

Enquanto, pela vitória dos «modernos», «classicismo» era, para a retórica francesa, «esprit de géométrie», aderência da linguagem artística à vida, instinto das proporções, bom senso (o «esprit classique» de Taine), tornou-se na Arcádia — por uma reacção nacionalista, desejosa de restaurar o bimilenário universalismo latino e, portanto, italiano, gravemente atingido — sinónimo de imitação fiel das literaturas grega, latina e italiana do Renascimento. Por isso mesmo a Arcádia, apesar das suas infantilidades, dos seus artificiais disfarces pastoris, dos seus exageros, aparece a Toffanin, ao considerar as razões íntimas que moveram os seus maiores representantes, como «la più notevole riscossa dello spirito nazionale fra il Rinascimento e il Risorgimento, fra *Il Principe* del Machiavelli e *Il Primato* del Gioberti».

Continuando a estética humanista, a Arcádia cavava, pois, ao contrário da retórica francesa, uma distinção profunda entre linguagem poética e linguagem natural, entre verdade poética e verdade racional, entre arte e vida. E curioso é que mesmo espíritos abertos a todas as preocupações intelectuais da Europa culta de então, como Maffei ou Muratori (dois dos vários casos particulares estudados por Toffanin no decurso do seu trabalho), se mantiveram, em estética, absolutamente fiéis aos ideais da Arcádia, na sua admiração profunda pela tradição formal que até eles chegava desde a Antiguidade, através do Renascimento. A única voz que, na primeira metade do século XVIII, se fez ouvir na Itália contra a estética dos árcades, em nome da liberdade e de um certo mundanismo — a de Francesco Montani —, até essa se calou, ao verificar, no seu próprio estilo mau e incaracterístico, os perigos da originalidade e as vantagens da tradição!

Dir-se-ia que o «classicismo», tal como o entendiam os humanistas, correspondia a uma tendência essencial da literatura italiana! Assim o reconhecia, pelo menos, um árcade menor, Eustacchio Manfredi, quando — diz-nos Toffanin —

afirmava, numa intuição crítica espantosa, que as literaturas francesa e italiana «procedono da due aspirazioni opposte: l'una alla classicità (un assoluto), l'altra alla spontaneità (un relativo); cercano di uscirne ma vi ricadono».

Quando, na segunda metade do século xviii, sob a pressão da Europa iluminista, começaram a infiltrar-se na Itália os preceitos da estética francesa, uma reação rápida e eficaz se esboçou contra Arcádia. Toffanin estuda-a nos capítulos consagrados a Becelli, a Baretti, ou à crítica exercida pelo jornal dos enciclopedistas italianos, o *Caffè*. Só então se sentiu a necessidade de adaptar a língua italiana às exigências da cultura moderna, à realidade da vida, à intimidade da alma.

Se é certo que o romantismo continuou em muitos aspectos esta reação, certo é que perpetuou também alguns grandes temas da própria Arcádia. Através da polémica suscitada pelo tratado do Padre Bouhours — diz Toffanin, no seu capítulo de conclusões — «i grandi motivi della tradizione umanistica rientrano nell'Italia arcadica e di lì risalgono all'Italia romantica e al giobertiano *Primato*». Basta recordarmos quanto a Arcádia e o Romantismo, além de um comum sentimento de exaltação nacionalista, foram conscientes da necessidade imprescindível de uma tradição e de uma língua poética.

Nesta capacidade de relação que permite considerar a literatura como um contínuo transformar-se de pontos de vista que secretamente se infiltram para desabrocharem, às vezes paradoxalmente, em movimentos à primeira vista opostos, está um dos grandes méritos de Toffanin. Foi essa busca dos elos de ligação, das «sfumature» de pensamento de que há pouco falávamos, que levou o Autor a considerar por vezes árcades menores, como Orsi, Manfredi ou Montani, geralmente esquecidos. É nela também que devemos procurar a razão da própria dificuldade do texto. Não diz Toffanin, justificando o subtítulo do seu trabalho, tê-lo chamado «saggio storico» e não «saggio critico», «inquanto le idee delle generazioni passate esso preferisce riportarle vive, nel palpito delle passioni a cui furono congiunte, piuttosto che stecchite nel raggio dell'intelletto giudicante»?

Certo é que Toffanin conseguiu, através do seu livro, que tanto faz reflectir, evocar toda a complexidade do movimento arcádico, bem significativo de um estado de espírito e de uma tradição.

Em apêndice, publicou o Autor um discurso pronunciado em Verona por ocasião do bicentenário da morte de Scipione Maffei. Aí se evoca a complexa figura desse árcade que, embora curioso de todas as conquistas da ciência moderna, soube, num mundo já minado pelo naturalismo iluminista, perseverar ardorosamente nas grandes sínteses de filosofia antiga e de cristianismo da cultura humanística.